

Hölderlin: celebração de seus 250 anos



O ano de 2020 comemora os 250 anos do nascimento de três dos mais insígnos representantes do Espírito alemão: Ludwig van Beethoven, Georg W. F. Hegel e Friedrich Hölderlin. Este último, diferentemente dos dois primeiros, não logrou prestígio e reconhecimento em vida. A história reservou-lhe os louros dos póstumos. Talvez nenhum outro gênio da gama de gênios que irromperam na Alemanha da virada do século XVIII para o século XIX foi, a um tempo, tão contemporâneo e tão extemporâneo. Todos os célebres coevos que travaram contato com ele, como os amigos do seminário de Tübingen, Hegel e Schelling, ou como Schiller, seu tutor nos primeiros anos de ingresso no círculo da alta cultura, assim como Fichte, cujos cursos em Iena frequentou, e ainda Goethe, com quem teve um primeiro encontro não satisfatório em residência de Schiller, devotaram-lhe indiferença ou desprezo em algum momento. Também na *magnum opus* de Madame de Staël, *De l'Allemagne* (1810), responsável por uma ampla divulgação da ainda incipiente Letra alemã, não se encontra nenhuma referência ao autor, claro indício de que mesmo no *círculo de Iena* não usufruía de grande estima, uma vez que a autora possuía certo estreitamento com Friedrich Schlegel, o maior representante do *Deutsche Frühromantik* (Primeiro Romantismo Alemão), por sua vez, amigo íntimo do já à época falecido Novalis, que Hölderlin

conhecera em Iena na presença de Fichte. Tampouco no *Weimarer Klassik* (Classicismo de Weimar) era-lhe concedido um lugar, mas, ao contrário, certo desdém, tal como se verifica numa carta de Johann Heinrich Voss (até hoje considerado o maior tradutor de Homero para a língua alemã), datada de 1804, em que é relatado o trato jocoso de Goethe e Schiller para com a tradução hölderliniana da *Antígona* de Sófocles. No mesmo ano, Schelling, em carta a Hegel, toma as traduções de Hölderlin (em que constava também *Édipo Rei*) como testemunho de um caso perdido. No ano seguinte, ele é diagnosticado como doente mental incurável pelos médicos de Tübingen, aos 35 anos. Daí em diante, percorre a outra metade de sua vida afastado do convívio social em uma torre que viria a ser chamada de *Hölderlinsturm* (Torre de Hölderlin), às margens do rio Neckar, sob os cuidados do mestre marceneiro Zimmer. Em vida lúcida, publicou apenas alguns poemas, as referidas traduções (seguidas de preciosos comentários) e a obra epistolar *Hipérion ou O eremita na Grécia*, difundida pelo filósofo Wilhelm Dilthey sob a categoria de *Bildungsroman* (Romance de Formação) e da qual se utilizara Marx nos Anais Franco-alemães (à época de seu exílio), em que cita um longo trecho da chamada *Carta aos alemães*. Tais autores, juntamente com Nietzsche, que parafraseou o *Hipérion* em várias ocasiões do seu *Zaratustra*, compõem o escasso círculo de admiradores ainda no século XIX.

Mas a que se deve um tal estranhamento por parte de sua própria época? Nela, Hölderlin parece ocupar um lugar *sui generis*, pois simultaneamente participa de suas variadas vertentes e delas se afasta (as ultrapassa, talvez...?, como pensava Heidegger). No âmbito filosófico, o autor tece elementos fundantes do *Idealismo Alemão* com o manuscrito intitulado postumamente de *O mais antigo programa sistemático do idealismo alemão* (elaborado em parceria com Schelling e Hegel), assim como percorre e ousa ir além da *Doutrina da Ciência*, de Fichte, tal como se verifica no fragmento *Juízo e Ser*. Já nos escritos *Sobre o conceito de punição* e *Sobre a lei da liberdade* se verifica tentativas de conciliar a natureza sensível e ética do homem, na esteira de Schiller. Com os chamados textos e ensaios poetológicos, à guisa de *O devir no fenecer*, *O significado das tragédias* e *Fundamento para Empédocles*, além, é claro, das *Observações sobre Édipo* e *sobre Antígona*, dá-se início às primeiras reflexões propriamente filosóficas do trágico (também empreendidas à época por Schelling, como nota Peter Szondi, embora Jean-François Courtine, por intermédio do material epistolar, atribua-lhe o germe inicial), as quais assumem expressão dramática nas três versões da tragédia *A morte de Empédocles* (à qual Nietzsche pretendia dar continuidade, tal como

consta em esboços escritos entre 1870 e 1872). Em contrapartida póstuma (no séc. XX), suas traduções, entre as quais, além das mencionadas, também se incluem alguns hinos de Píndaro (igualmente seguidos de comentários), foram aquiescidas como testemunho de uma viva familiaridade com a língua grega (como reconheceram os filólogos Wolfgang Schadewaldt e Karl Reinhardt) e da mais profunda radicalidade da linguagem (conforme atestaram Walter Benjamin, que via nelas o protótipo de todo o traduzir, e Bertolt Brecht, que, ao preparar uma versão cênica da *Antígona* de Sófocles, tomou deliberadamente as versões hölderlinianas). É, contudo, por intermédio da obra poética que se verifica a sua maior influência, de Rilke a Walter Otto, passando por Heidegger, Adorno e Gadamer, cuja tônica, como observa Otto Maria Carpeaux, sobretudo no que tange à apreciação dos antigos, aponta para uma Grécia distinta daquela promulgada pelo classicismo de Winckelman e Goethe, porquanto perpassada pelo elemento órfico e oriental dos Mistérios, sem tampouco se diluir no elemento dionisíaco dos primeiros românticos (conforme a crítica de Hegel), tal como é o caso de Novalis, segundo Maurice Blanchot. É que na obra de Hölderlin a claridade apolínea, anota Ludwig von Pigenot em 1923, cumpre justamente a mais alta realização de Dioniso (deixemos em suspenso o porquê de Nietzsche não recorrer nomeadamente a Hölderlin). Elenquemos apenas alguns de seus mais consagrados poemas: *Pão e vinho*, *Patmos*, *O arquipélago*, *O Reno*, *O único*, *Os Titãs*, *Às Parcas*, *Ao Éter*, *Pôr do sol* e *Canção do destino*, convertido por Johannes Brahms em canto coral já no ano de 1871.

Esse breve apreço de sua repercussão biobibliográfica nos serve como panorama geral de um pensador que, a partir do século XX – embora ainda tão pouco trabalhado no Brasil –, tornou-se indispensável para o estudo dos vários horizontes em que atuara, sobretudo em função das edições críticas de sua obra completa ao longo do século passado, que trouxeram à lume um espólio de rigorosa envergadura de pensamento e de estilo, responsável, inclusive, pela inserção definitiva do autor na história da filosofia. Nesta data comemorativa, periódicos do mundo inteiro estão prestando a devida homenagem ao autor, de modo que é com grande satisfação que a *Revista Trágica* apresenta este *Número Temático* em honra à obra de Friedrich Hölderlin.

Não há um único caminho para trilhar a sua obra. O leitor encontrará neste volume, com efeito, temas e aspectos variados, os quais foram abordados por exímios estudiosos do pensamento do autor. Tal é o caso das Prof^{as}. Dr^{as}. Virgínia Figueredo (UFMG), com o artigo intitulado *Hölderlin e o teatro* e Kathrin Rosenfield (UFRGS), com o artigo *A Outra Lógica da Poesia: Do fragmento “Juízo e Ser” de Hölderlin às*

traduções de Sófocles e à afirmação do pensamento poético; assim como o dos Profs. Drs. Marco Aurélio Werle (USP), com o artigo intitulado *O lugar insólito de Hölderlin entre filosofia e poesia*, Ulisses Vaccari (UFSC), com o artigo *A poesia entre o espírito e a letra: Hölderlin e o retorno do divino*, Pedro Franceschini (UFBA), com *Filosofia, negatividade e recordação no Hipérion de Hölderlin* e Clademir Araldi (UFPel), com o texto *Hölderlin e Nietzsche: sobre o “abismo” do nada*. Também participam a doutoranda Gabriela Nascimento Souza (PUCRS), com o artigo *Considerações sobre religião e movimento dialético na filosofia poética de Hölderlin* e o doutorando André Felipe Gonçalves Correia (UFRJ), que vos escreve, com o texto *Hölderlin e a grande palavra de Heráclito*, o qual também contribui com uma tradução em formato bilíngue do texto *O dever no fenecer*, escrito por Hölderlin entre os anos de 1799 e 1800.

O volume também conta com os seguintes artigos na seção *Varia*: « *Nous, bons Européens* » *Le portrait de Pascal esquissé par Nietzsche dans Par-delà bien et mal*, da doutoranda Lucie Lebreton (l’Université de Reims Chamagne-Ardenne); *Nietzsche e o Pirronismo*, dos doutorandos Ray Renan da Silva Santos (PUCPR) e Wesley Rennyer Martins Rabelo Porto (UFRN); e *Macunaíma, embranquecimento e identidade*, do mestrando Ygor Corrêa Leite (UFRJ).

Esperamos que este segundo número de 2020 proporcione bons estudos e que sirva como convite para aqueles que ainda não se confrontaram com o pensamento e obra do grande poeta, filósofo e tradutor suábio.

André F. G. Correia
Editor do Número Temático
Editor Associado da *Revista Trágica*